

“Para os fãs de Stephen King e Agatha Christie, uma obra viciante, emocionante e real. O livro mais marcante e necessário da série.” – Thiago Neiva, tiktoker com mais de 800 mil seguidores

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO

Cuidado com os seus vizinhos.



ARQUEIRO

Para minha família

PRÓLOGO

Tem sangue por toda parte.

Nunca vi tanto sangue assim. Ele encharca o tapete creme, penetra nas tábuas do piso, salpica os pés da mesa de centro de carvalho. Gotículas de um formato oval perfeito alcançaram até o assento do sofá de couro claro, e largos filetes escorrem pela parede cor de alabastro.

É sangue que não tem fim. Se procurar bastante, será que vou encontrar respingos no carro estacionado na garagem? Nas folhas do gramado? No supermercado do outro lado da cidade?

E pior: minhas mãos também estão cobertas de sangue.

Quanta sujeira... Apesar de não ter muito tempo, fico me coçando para limpar tudo. Aprendi que sempre que houver alguma mancha, em especial no carpete, é preciso limpar depressa, antes que seque. Uma vez seca, a mancha se torna permanente.

Infelizmente, por mais forte que eu esfregue, de nada vai adiantar para o cadáver que jaz bem no meio da poça de sangue.

Avalio a situação. Tá, é ruim. Minhas digitais espalhadas pela casa já seriam de se esperar, mas o vermelho entranhado nas minhas unhas e nos vincos das palmas das minhas mãos são mais difíceis de explicar. A mancha cada vez mais escura na frente da minha camiseta não é o tipo de coisa que eu possa ignorar. Estou muito encrencada.

Se alguém me pegar.

Inspeciono minhas mãos, pesando os prós e os contras de lavar o sangue ou sair correndo imediatamente. Se lavar as mãos, vou desperdiçar segundos preciosos, que podem me levar a ser pega. Se for embora já, vou sair pela porta com as palmas das mãos todas ensanguentadas, sujando tudo em que tocar.

E é nessa hora que a campainha toca.

O som ecoa pela casa e eu fico totalmente paralisada, com medo até de respirar.

– Oi? – chama uma voz conhecida.

Por favor, vai embora. Por favor.

A casa está silenciosa. A pessoa do outro lado da porta vai perceber que não tem ninguém e decidir voltar outra hora. Ela tem que fazer isso. Se não fizer, vai ser meu fim.

A campainha toca de novo.

Vai embora. Por favor, vai.

Não sou muito de rezar, mas a essa altura estou disposta a cair de joelhos. Bom, eu faria isso se não fosse ficar com os joelhos todos sujos de sangue.

A pessoa deve estar supondo que não tem ninguém em casa. Ninguém toca uma campainha mais de duas vezes. No entanto, bem na hora em que penso que existe uma chance de sair dessa, a maçaneta chacoalha. E então começa a girar.

Ah, não. A porta está destrancada. Em cerca de cinco segundos, a pessoa que está batendo vai estar dentro da casa. Vai entrar na sala. E então vai ver...

Isto.

A decisão está tomada. Preciso sair correndo. Não dá tempo de lavar as mãos. Não dá tempo de me preocupar com as malditas digitais que possa estar deixando. Tenho que ir embora daqui agora.

Só espero que ninguém descubra o que fiz.

PARTE I

UM MILLIE

Três meses antes

Eu amo esta casa.

Amo tudo nela. Amo o gigantesco gramado da frente e também o gramado dos fundos, mais gigantesco ainda (mesmo que ambos estejam agora meio marrons). Amo o fato de a sala ser tão grande que comporta *vários móveis*, em vez de apenas um sofá pequeno e uma televisão. Amo os janelões com vista para as redondezas da cidade – que, segundo li há pouco tempo numa revista, é uma das melhores para criar os filhos.

E, mais do que tudo, amo o fato de a casa ser minha. O número 14 da Locust Street é todinho meu. Bom, tá: trinta anos de prestações e vai ser todinho meu. Não consigo parar de pensar na sorte que tenho ao correr os dedos pela parede da nossa nova sala, aproximando o rosto para admirar o papel florido tinindo de novo.

– A mãe tá beijando a casa outra vez! – diz uma vizinha atrás de mim.

Eu me afasto depressa da parede, embora meu filho de 9 anos não tenha propriamente me flagrado com um amante secreto. Não sinto vergonha alguma do meu amor por esta casa. Quero gritar isso do terraço. (Nós temos um terraço incrível. *Eu amo esta casa.*)

– Não era para você estar desfazendo as malas? – pergunto.

As caixas e os móveis de Nico foram todos colocados no quarto dele, então ele deveria estar desfazendo as malas, sim, mas em vez disso está lançando repetidamente uma bola de beisebol na parede – na minha linda

parede coberta com papel florido. Moramos nesta casa há menos de cinco minutos e ele já está decidido a destruí-la. Posso ver essa intenção em seus olhos castanho-escuros.

Não que eu não ame meu filho mais que tudo no mundo. Se essa fosse uma daquelas situações hipotéticas em que precisasse escolher entre a vida de Nico e a casa, *é lógico* que eu escolheria Nico. Sem sombra de dúvida.

Só que, se ele danificar a casa, vai ficar de castigo até ter idade suficiente para fazer a barba.

– Amanhã eu desfaço – diz Nico.

A filosofia geral de vida do meu filho parece consistir em deixar tudo para o dia seguinte.

– Ou agora, que tal? – sugiro.

Nico lança a bola no ar, e ela encosta muito de leve no teto. Se tivéssemos qualquer coisa de valor dentro desta casa, eu enfartaria neste momento.

– Depois – insiste ele.

Ou seja: nunca.

Olho para cima e espio o vão da escada. Sim, nós temos uma *escada!* Uma escada mesmo, de verdade. Tudo bem que os degraus rangem a cada passo e pode ser que o corrimão caia se alguém segurá-lo com muita força, mas temos uma escada, e ela leva a *um andar totalmente diferente da casa.*

Nota-se que passei tempo demais morando em Nova York. Hesitei em voltar para Long Island depois do que aconteceu na última vez que morei aqui, mas isso já faz quase duas décadas... É um passado distante.

– Ada? – chamo em direção ao alto da escada. – Ada, pode vir aqui?

Segundos depois, minha filha de 11 anos espicha a cabeça para o vão da escada, deixando-me ver seus fartos cabelos pretos ondulados e os olhos muito escuros, que me espiam. Os olhos dela são da mesma cor dos de Nico, uma herança do pai dos dois. Ao contrário do irmão, Ada sem dúvida está desempacotando seus pertences desde que chegamos. Ela é uma aluna nota dez, do tipo que faz o dever de casa sem ninguém precisar mandar, uma semana antes do prazo final.

– Ada – digo. – Você já tá acabando de desempacotar tudo?

– Quase.

Nenhuma surpresa nisso.

– Acha que pode ajudar o Nico a arrumar as caixas dele?

Ada assente sem hesitar.

– Claro. Vem, Nico.

Nico reconhece na mesma hora uma oportunidade para a irmã fazer a maior parte do trabalho.

– Tá! – concorda, todo contente.

Ele finalmente para de me aterrorizar com a bola de beisebol e sobe os degraus pulando de dois em dois para encontrar Ada no quarto dele. Começo a dizer à minha filha que não faça todo o trabalho pelo irmão, mas é uma causa perdida. Neste momento, eu mesma tenho umas sessenta caixas para desempacotar. Contanto que o trabalho seja feito, vou ficar feliz.

Somos muito sortudos por termos conseguido esta casa. Perdemos meia dúzia de disputas de propostas em bairros que nem eram tão legais quanto este. Eu achava que não tínhamos a menor chance de conseguir esta antiga sede de fazenda pitoresca numa cidade com escolas públicas tão bem-conceituadas. Quase chorei de alegria quando nossa corretora ligou avisando que a casa seria nossa. E com um abatimento de dez por cento!

O universo deve ter decidido que merecíamos um pouco de sorte.

Olho pela janela para o caminhão de mudança estacionado na rua, em frente à casa. É uma ruazinha sem saída onde há outras duas casas, e na janela de uma delas vejo a silhueta de alguém. Um dos novos vizinhos, suponho. Tomara que sejam simpáticos.

Uma pancada soa dentro do caminhão, e abro a porta da frente depressa para ver o que está acontecendo. Saio bem a tempo de ver meu marido descendo do veículo com um dos amigos que toparam ajudar na mudança. Eu queria contratar uma empresa, mas ele insistiu que daria conta sozinho com a ajuda dos amigos. E tenho que admitir que precisamos mesmo economizar cada centavo se quisermos honrar as prestações do imóvel – mesmo com o abatimento que conseguimos negociar, nossa casa dos sonhos não foi barata.

Meu marido está todo suado, a camiseta grudada no tórax, e segura uma das metades do nosso sofá da sala. Torço o nariz, porque ele tem 40 e poucos anos e a última coisa de que precisa é dar um mau jeito nas costas. Enquanto planejávamos a mudança, falei que estava preocupada com ele, que agiu como se fosse a coisa mais boba que já tivesse escutado, embora eu mesma dê um mau jeito nas costas semana sim, semana não. E não por ter levantado algum sofá. Só por ter *espirrado* mesmo.

– Enzo, você pode tomar cuidado, por favor?

Ele olha para mim e sorri, e eu me desmancho. Será que isso é normal? Será que outras mulheres casadas há mais de onze anos ainda ficam com as pernas bambas às vezes por causa da pessoa?

Não? Sou só eu mesmo?

Enfim, não é que isso aconteça *toda hora*. Mas, caramba, ele ainda mexe comigo. O fato de ficar inexplicavelmente mais sexy a cada ano que passa também não ajuda. (E eu só fico um ano mais velha.)

– Estou tomando – garante ele. – E esse sofá aqui é superleve! Não pesa quase nada.

O comentário suscita um revirar de olhos do cara que está segurando a outra ponta do sofá. Mas, verdade seja dita, o sofá não é exatamente pesado. Nós o compramos na IKEA, e é só um pouquinho melhor que o sofá anterior, que tínhamos achado largado na rua. Enzo já fora adepto da teoria de que todos os melhores móveis provinham do meio-fio em frente ao nosso prédio.

Nós dois amadurecemos um pouco desde então. Espero.

Enquanto Enzo e o amigo carregam o sofá para dentro da nossa linda casa nova, ergo o olhar mais uma vez para observar a casa do outro lado da rua. Locust Street, número 13. Ainda tem alguém me encarando da janela. Está escuro dentro da casa, de modo que não consigo ver grande coisa, mas a mesma silhueta continua lá.

Alguém está nos observando.

Só que isso não tem nada de ameaçador. As pessoas que moram naquela casa são nossas vizinhas, e tenho certeza de que estão curiosas para saber quem somos. Toda vez que eu via um caminhão de mudança em frente ao nosso prédio, ficava olhando pela janela para ver quem estava se mudando, e Enzo ria e me dizia que parasse de espiar e fosse lá me apresentar.

Essa é a diferença entre nós dois.

Bom, não é a *única* diferença.

Num esforço para mudar meu comportamento e ser mais simpática, como meu marido, ergo uma das mãos e aceno para a silhueta. Melhor conhecer logo meu novo vizinho ou vizinha do número 13.

Só que a pessoa não acena de volta. Em vez disso, as persianas se fecham com um estalo e a silhueta desaparece.

Bem-vindos ao bairro.

DOIS

Enzo carrega as últimas caixas para dentro de casa enquanto estou parada no meio do nosso gramado ralo, evitando a tarefa de desempacotar e imaginando como a grama vai ficar depois que meu marido der um trato nela. Enzo é um verdadeiro mago dos gramados – foi mais ou menos assim que nos conhecemos, inclusive. O nosso parece quase uma causa perdida, cheio de buracos e com a terra ressecada, mas sei que daqui a um ano vamos ter a grama mais bonita da rua.

Estou perdida em minhas fantasias quando a porta da casa bem ao lado da nossa, o número 12 da Locust Street, se abre. Uma mulher de cabelo curto e em camadas, cor de caramelo, sai da casa usando uma camisa branca justa, uma saia vermelha e sapatos de salto agulha que poderiam ser usados para arrancar os olhos de alguém. (Por que sempre penso essas coisas?)

Ao contrário do vizinho ou vizinha da frente, ela parece simpática. Ergue a mão num cumprimento entusiasmado e atravessa o caminho curto de paralelepípedos que separa as duas casas.

– Oi! – entoa ela. – Que *bom* enfim conhecer nossos novos vizinhos! Meu nome é Suzette Lowell.

Quando estendo a mão e seguro a dela, de unhas feitas, sou recompensada com um aperto tão doloroso que é impressionante para uma mulher.

– Millie Accardi – digo, me apresentando.

– É um *prazer* te conhecer, Millie – responde ela. – Com toda a certeza vocês vão adorar morar aí.

– Já estou adorando – digo, sincera. – Essa casa é incrível.

– Ah, é mesmo. – Suzette assente. – Ela passou um tempo vazia porque, você sabe, uma casa pequena assim é difícil de vender. Mas eu simplesmente sabia que a família certa iria aparecer.

Pequena? Ela por acaso está *ofendendo* a nossa casa amada?

– Bom, eu adoro.

– Ah, sim. É superaconchegante, né? E também...

O olhar dela abarca nossos degraus da frente, que estão desmoronando um pouquinho, embora Enzo jure que vá consertá-los. Eles fazem parte da longa lista de reparos que precisaremos fazer.

– Rústica. *Bem* rústica.

Sim, ela com certeza está ofendendo a casa.

Mas não estou nem aí. Continuo amando a casa. Não me importa o que uma vizinha esnobe ache.

– Você trabalha fora, Millie? – pergunta Suzette, cravando os olhos azul-esverdeados no meu rosto.

– Sou assistente social – respondo, com um quê de vaidade.

Embora já faça isso há muitos anos, ainda tenho orgulho da minha carreira. Sim, ela pode ser exaustiva e emocionalmente desgastante, e também o salário não é nenhuma fortuna. Mesmo assim, eu adoro.

– E você? – pergunto.

– Sou corretora de imóveis – responde ela com uma dose equivalente de orgulho. Ah, isso explica por que ofendeu nossa casa em “corretês”. – O mercado tá pegando fogo no momento.

Bom, é verdade. Então me ocorre que Suzette não teve participação na venda da nossa casa. Se ela é corretora, por que os ex-proprietários não quiseram que a vizinha vendesse a casa deles?

Enzo emerge do caminhão carregando mais caixas, a camiseta ainda grudada no peito e os cabelos pretos molhados de suor. Eu me lembro de ter enchido uma daquelas caixas com livros e ter ficado receosa de que estivesse pesada demais. E agora ele está carregando não só essa, mas uma segunda caixa por cima. Minhas costas doem só de olhar.

Suzette também está olhando para ele. Ela acompanha o percurso do

caminhão até nossa porta ao mesmo tempo que um sorriso se espalha por seus lábios.

– Que *gato* esse cara que está fazendo a sua mudança – comenta ela.

– Na verdade, é o meu marido.

O queixo dela cai. Ela parece valorizar mais Enzo do que a casa.

– Sério?

– Aham.

Enzo colocou as caixas na sala e está saindo da casa para buscar mais. Como pode ter tanto pique? Antes de ele chegar ao caminhão, aceno para chamá-lo.

– Enzo, vem conhecer nossa nova vizinha, Suzette.

Suzette ajeita rapidamente a blusa e prende alguns fios de cabelo atrás da orelha. Se pudesse, tenho quase certeza de que ela teria dado uma conferida rápida num espelhinho de bolsa e retocado o batom. Só que não dá tempo.

– Oi! – entoa ela, com uma das mãos estendidas. – Prazer em te conhecer! Enzo, né?

Ele aperta a mão dela e abre um sorriso largo que faz as linhas ao redor dos olhos se vincarem.

– Isso. O prazer é meu, Suzette.

Ela dá uma risadinha e assente, animada. A reação é um tanto exagerada, mas, a bem da verdade, Enzo ligou seu botão de charme. Meu marido mora neste país há vinte anos, e quando conversamos em volta da mesa de jantar seu sotaque é relativamente brando. No entanto, é só ativar o modo *charmoso* que ele exagera no sotaque e parece ter acabado de desembarcar. Ou, como ele mesmo diria, “saltar do navio”.

– Vocês com toda a certeza vão adorar morar aqui – garante Suzette. – É uma ruazinha muito tranquila.

– Já estamos adorando – afirmo.

– E essa casa é uma gracinha – diz ela, encontrando mais uma forma criativa de observar que a nossa casa é substancialmente menor que a dela.

– Vai ser perfeita pra vocês e seus filhos, principalmente com um terceiro bebezinho a caminho.

Ao dizer isso, ela olha em cheio para minha barriga, que com toda a certeza *não* guarda nenhum bebezinho a caminho. Há nove anos não tem nenhum bebezinho aqui dentro.

A pior parte é que Enzo vira a cabeça e olha para mim, e por um se-

gundo uma centelha de animação surge no seu rosto, embora ele *saiba muito bem* que as minhas trompas foram ligadas durante a cesariana de emergência no parto de Nico. Olho para minha barriga e reparo que a camiseta está mesmo formando uma protuberância pouco atraente. Morro um pouquinho por dentro.

– Eu não estou grávida – digo, tanto para Suzette quanto, pelo visto, para meu próprio marido.

Suzette bate com a mão espalmada na boca, por cima do batom vermelho.

– Ai, puxa, *desculpa!* É que pensei que...

– Tudo bem. – Interrompo-a antes que ela piore as coisas.

Para falar a verdade, amo meu corpo. Aos 20 e poucos anos, eu era um palito, mas agora enfim tenho algumas curvas para ostentar, e ousou dizer que meu marido também parece gostar delas.

Dito isso, vou jogar esta camiseta fora.

– Temos dois filhos. – Alheio à gafe de Suzette, Enzo passa um braço em volta dos meus ombros. – Nico e Ada.

Enzo não poderia ter mais orgulho dos nossos dois filhos. Ele é um ótimo pai, e bem que gostaria de ter mais uns cinco, se eu não tivesse quase morrido dando à luz nosso menino. Teríamos adorado adotar ou ser pais de acolhimento, mas, com o meu histórico, isso estava fora de cogitação.

– Você tem filhos, Suzette? – pergunto.

Ela balança a cabeça com uma expressão de horror.

– De jeito nenhum. Não tenho vocação pra ser mãe. Somos só eu e meu marido, Jonathan. Somos felizes e sem filhos.

Excelente... Ela tem o próprio marido. Assim, pode ficar longe do meu.

– Mas na casa em frente à de vocês mora um menininho – diz ela. – Ele está no terceiro ano.

– Nico também está no terceiro ano – comenta Enzo, animado. – Talvez a gente possa apresentar os dois.

Quando nos mudamos, tivemos que tirar as crianças da escola bem no meio do ano letivo. Acredite, a última coisa que você quer fazer na vida é arrancar duas crianças em idade escolar da turma em que estão em pleno mês de março. Fiquei atormentada de culpa, mas não tínhamos como pagar a prestação da casa e um aluguel até o final do ano letivo, então não tivemos escolha.

Nico, que é extrovertido como o pai, não pareceu se incomodar. Para

ele, uma sala inteira cheia de alunos novos para impressionar com suas façanhas seria uma aventura divertida. Ada recebeu a notícia com tranquilidade, mas depois a peguei chorando no quarto diante da perspectiva de abandonar as duas melhores amigas. Torço para que no outono ambos já tenham se adaptado e o trauma de uma mudança no meio do ano seja apenas uma lembrança distante.

– Vocês podem tentar se apresentar. – Suzette dá de ombros. – Mas Janice, a mãe dele, não é lá muito simpática. Ela quase não sai de casa, a não ser para levar o filho até o ponto de ônibus. Eu praticamente só a vejo na janela, de olho no que acontece na rua. Ela é *muito* enxerida.

– Ah! – exclamo, pensando em como Janice pode aparentemente nunca sair de casa e ao mesmo tempo ser muito enxerida.

Olho para o outro lado da rua, em direção ao número 13. Apesar de estarmos no meio do dia e de parecer ter gente em casa, as janelas continuam às escuras.

– Espero que vocês arrumem umas persianas bem boas pras janelas – diz Suzette para mim. – Porque ela tem uma vista excelente.

Enzo e eu viramos a cabeça ao mesmo tempo na direção da nossa casa recém-adquirida, percebendo de repente que nenhuma das janelas tem persiana ou cortina. Como é que não reparamos nisso? Ninguém falou para a gente que precisávamos comprar cortinas! Todas as casas em que moramos até hoje já vieram com cortinas!

– Eu vou comprar as persianas – murmura Enzo no meu ouvido.

– Obrigada.

Suzette parece achar graça da nossa ingenuidade.

– O corretor de vocês não avisou que precisava comprar?

– Acho que não – resmungo.

O que está implícito, suponho, é que Suzette teria nos lembrado se tivesse sido ela a nossa corretora. Só que está um pouco tarde para isso. Por enquanto, estamos sem persianas.

– Posso recomendar uma empresa excelente pra instalar as persianas de vocês – diz ela. – Eles colocaram na nossa casa ano passado. Pusemos aquelas persianas lindas estilo colmeia no térreo e no primeiro andar, e no sótão umas persianas fixas muito fofas.

Nem consigo imaginar quanto custaria uma coisa dessas. Muito mais do que temos para gastar, com certeza.

– Não, obrigado – diz Enzo. – Dou conta disso.

Ela lhe dá uma piscadela.

– Aposto que dá.

É sério isso? Estou ficando meio de saco cheio dessa mulher dando em cima do meu marido bem na minha frente. Não que outras não façam a mesma coisa, mas, pelo amor de Deus, somos vizinhos. Será que ela poderia ser um pouco mais sutil? Parte de mim se sente tentada a dizer alguma coisa, mas eu preferiria não arrumar uma inimiga apenas cinco minutos depois de ter me mudado para cá.

– Além disso, eu queria convidar a família de vocês para jantar – acrescenta ela. – Vocês dois, claro, e... as crianças podem vir também.

Suzette não parece muito animada com a ideia de nossos filhos entrarem na casa dela. E nem sabe sobre a propensão de Nico a quebrar alguma coisa cara cinco minutos depois de adentrar qualquer recinto.

– Claro, seria maravilhoso – diz Enzo.

– Fantástico! – Ela o encara, radiante. – Que tal amanhã à noite? Tenho certeza de que a sua cozinha ainda não vai estar em condições de uso, então vai ser um estresse a menos.

Enzo me olha com as sobrancelhas arqueadas. Ele tem uma energia infindável para eventos sociais, mas eu sou introvertida e valorizo o fato de ele me consultar antes de aceitar. Para dizer a verdade, detesto a ideia de passar uma noite na companhia dessa mulher. Ela parece meio *exagerada*. Mas, se vamos morar aqui, não temos que fazer amizade com os vizinhos? Não é isso que as famílias normais fazem? E talvez, quando eu a conhecer melhor, ela não seja tão ruim.

– Claro – respondo. – Vai ser ótimo. A gente não conhece quase ninguém em Long Island.

Suzette joga a cabeça para trás e ri, revelando uma fileira de dentes brancos feito pérolas.

– Ah, Millie, você é ótima...

Olho para Enzo, que dá de ombros. Nenhum de nós dois parece saber o que tem tanta graça.

– O que foi?

– Ah, você não estava brincando? – diz ela, rindo. – É que ninguém aqui diz “em Long Island”.

– Ah... Não diz, é?

– Não! – Ela balança a cabeça como se eu fosse inacreditável. – É “*na* Long Island”. Ninguém fala “em”... Parece ignorância. O certo é falar *na ilha*.

Enzo está coçando seu cabelo preto. Ele não tem nem um fio branco, aliás. Já eu, não fossem meus frascos de tinta, estaria praticamente grisalha, e sou assim desde que Nico nasceu. Tudo que Enzo tem são alguns fios grisalhos na barba quando a deixa crescer. Comentei sobre isso com ele uma vez, porém meu marido vasculhou o próprio couro cabeludo até encontrar um único cabelo branco para me mostrar, como se isso melhorasse as coisas.

– Então não estou entendendo – digo. – Nesse caso, as pessoas deveriam dizer que moram *na* Havaí? Ou *na* Staten Island?

O sorriso no rosto dela desaparece.

– Bom, Staten Island é outra coisa.

Tento cruzar olhares com Enzo, mas ele parece estar apenas achando graça de tudo.

– Bom, Suzette, a gente tá feliz por estar aqui *na* Long Island. E animado para ir jantar com vocês amanhã à noite.

– Mal posso esperar – diz ela.

Preciso forçar um sorriso.

– Quer que a gente leve alguma coisa?

– Hum... – Ela tamborila o queixo com o indicador. – Por que não levam uma sobremesa?

Ótimo. Agora vou ter que arrumar uma droga de sobremesa que esteja à altura dos padrões de Suzette. Estou achando que uma caixa de Oreo não vai ser suficiente.

– Ótimo, então!

Enquanto Suzette volta andando para a própria casa, bem maior, fazendo os saltos estalarem na calçada a cada passo, sinto uma fisgada estranha na barriga. Eu estava tão animada quando compramos essa casa... Passamos um tempão espremidos em apartamentos minúsculos, e eu enfim tenho a casa dos meus sonhos.

Mas nesse momento, pela primeira vez, fico pensando se cometi um erro terrível ao me mudar para cá.

TRÊS

Esta noite, estamos os quatro jantando em volta da nossa mesa da cozinha. Sabe o que é uma mesa da cozinha? Uma mesa *que cabe dentro da nossa cozinha*. Sim, a cozinha agora tem espaço para uma mesa inteira. A última mal comportava uma pessoa.

Pedimos comida chinesa num restaurante que tinha nos mandado um cardápio pelo correio. Não sou muito exigente em matéria de comida, nem Enzo. A única coisa que não comemos é comida italiana. Segundo ele, nenhum restaurante sabe fazer direito, e toda vez é uma decepção. Mas ele come pizza de delivery. Porque, na avaliação dele, isso não chega a ser comida italiana.

Ada é igualmente tranquila em relação ao assunto, mas Nico é bem chato para comer. Por isso, enquanto nós três nos servimos de yakisoba e carne com brócolis, preparei para o meu filho um prato de arroz branco temperado com um pouco de manteiga e bastante sal. Tenho quase certeza de que no momento deve haver arroz com manteiga correndo pelas veias dele.

– Nosso primeiro jantar na casa nova – anuncio, orgulhosa. – Finalmente estamos estreando nossa mesa da cozinha.

– Por que você não para de dizer isso, mãe? – pergunta Nico. – Por que não para de dizer que estamos estreando tudo?

Para ser sincera, não sei se ele já tinha me ouvido usar a palavra “estrear”, e só nas últimas horas já a usei no mínimo cinco vezes. Quando estávamos

sentados no sofá mais cedo, disse que estávamos estreando a sala. Depois, quando ele saiu para o quintal dos fundos com a bola de beisebol, falei que estava estreando nosso quintal. E em algum momento talvez eu tenha mencionado que iria estrear o banheiro.

– Sua mãe só tá animada com a casa. – Enzo estende a mão para segurar a minha por cima da mesa de jantar. – E ela tem razão. É uma casa muito linda.

– É *um pouco* legal – reconhece Nico. – Mas eu queria que ela fosse pintada de vermelho. E tivesse arcos amarelos.

Bom, tenho quase certeza de que meu filho está dizendo que queria morar no McDonald's.

Não me importo. Compramos esta casa para eles dois. Lá no Bronx, vivíamos espremidos num apartamento minúsculo, e havia uns homens começando a espichar os olhos para Ada quando ela voltava a pé para casa. Agora estamos num bairro residencial incrível, e as crianças vão ter espaço para brincar no quintal e passear pelas redondezas sem medo de serem assaltadas. Mesmo que não valorizem isso, é a melhor coisa que poderíamos ter feito por elas.

– Mãe? – Ada empurra um pouco de macarrão pelo prato, e percebo que ela não comeu quase nada. – A gente vai começar a escola amanhã?

Suas sobrancelhas escuras estão unidas. Ambos os meus filhos puxaram ao pai, a ponto de parecerem dois clones dele, e eu apenas a incubadora que deu à luz. Ada é linda: tem cabelo comprido preto e olhos castanhos enormes. Enzo diz que ela é a cara da irmã dele, Antonia. Nossa filha está crescendo, e algum dia vai se tornar uma mulher de parar o trânsito. Quando isso acontecer, tenho quase certeza de que Enzo vai andar para todo lado com um taco de beisebol – ele não admite, mas é muito protetor em relação a ela.

– Tá pronta pra começar a escola? – pergunto a Ada.

– Tô – responde ela ao mesmo tempo que faz que não com a cabeça.

– A gente tá no final do recesso de primavera – comento. – Então todo mundo vai ter ficado uma semana sem se ver. Provavelmente nem vão se lembrar uns dos outros.

Ada não parece achar nem um pouco de graça, mas Nico dá uma risadinha.

– Eu posso te levar amanhã – propõe Enzo. – Podemos ir na caminhonete. Os olhos dela se iluminam; ela adora andar na caminhonete do pai.

– Posso ir na frente?

Enzo olha para mim com as sobrancelhas arqueadas. Ele adora fazer a vontade dos filhos, mas gosto do fato de ele não concordar com nada sem antes verificar comigo.

– Na verdade, meu amor, você ainda é meio pequena para o banco da frente – digo. – Mas logo, logo vai poder.

– Eu quero ir de ônibus amanhã! – declara Nico.

Ano passado, nós morávamos tão perto da escola de ensino fundamental que não fazia sentido eles pegarem o ônibus. Então, agora Nico alçou a experiência “pegar o ônibus” ao mesmo nível de visitar uma fábrica de chocolate cheia de Oompa-Loompas. Não parece conseguir pensar em mais nada.

– Mãe, por favor? – insiste meu filho.

– Tudo bem – respondo. – E Ada, se você quiser ir com o seu pai...

– Não – diz ela com firmeza. – Eu vou de ônibus com o Nico.

O que quer que se diga da minha filha, ela é incrivelmente protetora em relação ao irmão mais novo. Eu tinha ouvido falar que crianças pequenas podem ser muito ciumentas quando chega um bebê novo, mas Ada se apaixonou por Nico na hora. Abandonou as bonecas e passou a cuidar dele. Tenho algumas fotos fofíssimas dela com Nico no colo, dando a mamadeira para ele.

– E também... – Nico enfia mais arroz na boca, e apenas cerca de oitenta por cento consegue passar por seus lábios. O resto está salpicando seu colo e o chão debaixo dele. – Mãe, posso ter um bichinho de estimação? Por favor?

– Hum – respondo.

– Você falou que quando eu fosse mais velho e mais *responsável* poderia ter um bichinho – lembra Nico.

Bom, ele *está* mais velho. Quanto à parte de ser responsável...

– Um cachorro? – pergunta Ada, esperançosa.

– Ainda precisamos cercar o quintal antes de pensar em ter um cachorro – digo a eles.

Além do mais, eu gostaria de estar mais estável financeiramente antes de acrescentarmos mais um membro à família.

– Então que tal uma tartaruga? – sugere Ada.

Estremeço.

– Não, uma tartaruga não, por favor. Eu *odeio* tartarugas.

– Eu não quero um cachorro *nem* uma tartaruga – diz Nico. – Quero um louva-a-deus.

Quase engasgo com um pedaço de brócolis.

– Um *o quê?*

– Na verdade, é um ótimo bichinho de estimação – intervém Enzo. – Muito fácil de cuidar.

Ai, meu Deus, Enzo *sabe* que Nico quer trazer esse troço horrível para dentro da nossa casa?

– Não. Nós não vamos ter um louva-a-deus.

– Mas por que não, mãe? – insiste Nico. – Eles são superlegais. Vai ficar no meu quarto, você nem precisa ver. A não ser que você queira.

Ele me lança aquele sorriso encantador que é só dele. Nico tem um rosto redondo adorável e um espaço entre os dentes, mas é evidente que daqui a uns seis ou sete anos vai estar partindo corações, como o pai dele costumava fazer antes de ficarmos juntos.

– Não importa se eu não vou ver. Vou saber que ele está lá.

– A gente deixa ele preso – sugere Enzo, exibindo a própria versão do mesmo sorriso.

Que desgraça esse meu marido tão lindo.

– O que ele come? – pergunto.

– Moscas – responde Nico.

– Não. – Balanço a cabeça. – Não vai dar, não.

– Não se preocupa – diz meu filho. – São moscas que *não voam*.

– Moscas *de chão* – brinca Enzo.

– Não vai nem custar nada pra você – acrescenta Nico. – Nós mesmos vamos criar as moscas.

– Não. Não, não, não.

Enzo aperta de leve o meu joelho por baixo da mesa.

– Millie, a gente tirou as crianças da escola e obrigou elas a se mudarem pra cá. Se o Nico quer um louva-a-deus...

Até parece. *Ele* também quer um louva-a-deus. Esse é exatamente o tipo de coisa que Enzo acharia legal.

Olho para Ada em busca de ajuda, mas ela está muito concentrada em fazer pequenas pilhas de macarrão no prato. Está escrevendo o nome dela com macarrão. Ela não é de brincar com a comida, então deve estar realmente ansiosa.

– Se eu topasse, onde é que a gente iria comprar um louva-a-deus?

Enzo e Nico fazem um “toca aqui”, o que seria adorável se eu não estivesse tão apavorada com esse inseto que eles vão trazer para casa.

– A gente pode comprar um ovo de louva-a-deus – explica Nico. Meu Deus, há quanto tempo eles estão debatendo esse assunto? Parece que já têm um plano bem sólido em mente. – Aí o ovo estoura e nascem centenas.

– Centenas...

– Mas tudo bem – diz Enzo depressa. – Eles vão todos devorar uns aos outros, e em geral sobram só um ou dois.

– E aí a gente pode estrear eles – acrescenta Nico. – Tudo bem, mãe?

Imagino a cara de horror que Suzette Lowell faria se descobrisse que existe tanto um louva-a-deus quanto uma colônia de moscas que não voam na sua perfeita ruazinha sem saída, o que é a única coisa divertida em relação a essa situação. Tá, tudo bem, acho que vou deixar isso acontecer. Mas juro por Deus: se a minha linda casa nova ficar cheia de moscas, Nico vai ter que se mudar.

CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA MCFADDEN

A empregada
O segredo da empregada
A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

